

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

COGEAE

Curso de Especialização Semiótica Psicanalítica

Uma nova sociedade ou a velha fuga do sofrimento?

Carolina Câmara de Oliveira

São Paulo

2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

COGEAE

Curso de Especialização Semiótica Psicanalítica

Uma nova sociedade ou a velha fuga do sofrimento?

Carolina Câmara de Oliveira

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do curso de especialização em Semiótica Psicanalítica –Clínica da Cultura- COGEAE-PUC-SP, sob a orientação do Prof. Dr. Claudio César Montoto

São Paulo

2012

Sumário

Resumo	04
Abstract	04
Agradecimentos	05
Introdução	06
Capítulo 1.	10
Capítulo 2. Análise do material	24
Considerações Finais	28
Referências Bibliográficas	29

Resumo

Este trabalho discorre sobre a necessidade que tem o sujeito contemporâneo de suprir a falta por meio do consumo, buscando compreender se a atual sociedade rompe com o modelo tradicional de supressão da falta. Para tanto, se faz uma análise do filme **Wall Street, o dinheiro nunca dorme II**, à luz de conceitos lacanianos e freudianos. Como conclusão, defende-se que a sociedade continua a mesma, apenas utilizando-se de novos artifícios.

Abstract

This paper discusses the need of the subject to fill the gap by the consumption, trying to understand if the current society breaks with the traditional model of suppression of the absense. To do so, this paper makes an analysis of the movie Wall Street, o dinheiro nunca dorme II , in the light of Freudian and Lacanian concepts. In conclusion defends that the society remains the same, just using new devices.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois me deu a vida.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pela oportunidade de poder fazer um curso de especialização.

Ao Prof. Dr. Claudio César Montoto pela leitura atenciosa e por importantes contribuições.

À Lucia Masini, minha fonoaudióloga, que me deu as bases para que eu pudesse me desenvolver na escrita.

Aos meus amigos, que sempre estiveram prontos para me ajudar.

À minha grande família, pelo amor e dedicação sempre constantes em minha vida. Em especial, quero agradecer aos meus, brilhantes, pais pelo apoio de todas as horas, dedicação, pelo o amor incondicional.

Carolina Câmara de Oliveira

Introdução

Para introduzir o tema desta monografia, lanço mão de um filme passado recentemente nos cinemas do Brasil e do mundo. Trata-se de **Wall Street – O dinheiro nunca dorme II**, direção de Oliver Stone, 2010. Espécie de continuação do filme de mesmo nome, também dirigido por Oliver Stone, em 1987. Neste, Gordon Gekko (vivido por Michael Douglas, nos dois filmes) é uma pessoa que só pensa em dinheiro, milionária, gananciosa e que não tem sentimentos quando o assunto é negócios.

O início do segundo Wall Street, que também se passa em Nova York, é marcado por Gordon Gekko saindo da prisão, após cumprir pena pelos seus crimes contra o sistema financeiro. Enquanto os outros presos que ganharam a liberdade no mesmo dia têm pessoas à sua espera, Gekko não tem ninguém o esperando. Para refazer sua vida escreve o livro *"A cobiça é boa?"* em que fala sobre a ambição em demasia, classificando-a como essencial. O livro faz sucesso entre os jovens executivos que enchem os auditórios para assistirem as suas palestras. É dessa forma que parece que Gordon passará a ganhar sua vida fora da prisão.

Numa dessas palestras, Jake Moore (personagem principal vivido por Shia Labeouf), um jovem bem sucedido investidor na bolsa de valores, conhece Gekko. Seu desejo de conhecer pessoalmente o mito que tanto o fascina tem uma explicação simples: ele é pai de Winnie (Carey Mulligan), sua noiva, que tem sérios problemas de relacionamento com ele, devido aos crimes cometidos e ao seu estilo de vida no passado, sempre tão distante de suas necessidades como filha. Jake quer fazer a reconciliação de sua noiva com o seu pai, pois além de querer se casar com ela, mantendo a família unida, quer se

valer das dicas de enriquecimento de Gekko para aplicar em suas ideias.

Ideias positivas e que visam ao bem da humanidade, como financiar pesquisas sobre energia verde, uma energia limpa preocupada com a saúde do planeta. Para isso, trabalha numa empresa cujo chefe é seu mentor intelectual nos negócios da bolsa de Wall Street, Louis Zabel (vivido por Frank Langella).

Lou era um empresário sonhador, que gostava de ganhar dinheiro, mas agindo dentro das regras básicas do mercado. Foi levado à ruína o que provocou seu suicídio. Jogou-se nos trilhos do metrô, sem saber que sua ruína foi forjada por Bretton James (ator Josh Brolin), jovem investidor, muito ambicioso e inescrupuloso, que joga dos dois lados, inclusive contra si próprio, se necessário para ganhar suas apostas.

Jake Moore quando descobriu as armações de Bretton, buscou dele se vingar e, se possível, ganhar um dinheiro com o processo para montar uma empresa com a qual pudesse realizar seus sonhos de financiar projetos a favor do meio ambiente.

Wall Street relata como o ser humano vive hoje. Tudo é feito virtualmente e em busca de capital; o ideal aqui é ganhar cada vez mais. Um exemplo disso é o personagem Lou, sempre viveu para a empresa, nunca pareceu aproveitar as vantagens que o dinheiro lhe oferecia, pois sempre estava à procura de algo que faltava. A falta insaciável. O personagem acreditava que ia suprimi-la no trabalho, no dinheiro, mas quando teve um momento de lucidez e viu que sua vida inteira estava pautada na falta, decidiu desistir da vida.

O filme discute, então, o que já está concretizado como “verdade” no imaginário das pessoas: o capital financeiro funciona como mola-mestra das relações sociais. O sucesso material aqui é o valor dominante e os relacionamentos, atualmente, são mercadorias,

as relações humanas agora têm os mesmos padrões de troca dos mercados (Fromm, 1966: 21). A realidade do discurso capitalista que é dada, não privilegia somente o sujeito, mas o indivíduo consumidor. E o indivíduo consumidor não deixa espaço para o sofrimento.

Rosa *et col.* (2010) dizem que o sujeito do capitalismo é violentamente empurrado, sob a forma de consumo ou lucro, para o gozo. Mesmo quando surge uma possibilidade de sofrimento, esse sujeito busca o gozo imediato. O consumo leva o sujeito para uma falsa realidade, a alienação, ou seja, a fuga da verdadeira realidade. Isso gera um mal-estar, pois o sujeito é escravizado pelo capital: a busca do gozo só se dá pelo consumo.

O consumo da sociedade que recobre o vazio material é o gozo consumista. A sociedade do consumo tem uma fixação no acúmulo de bens em grande número. O sujeito consome em busca do gozo, assim acredita que consegue eliminar o sofrimento, ou seja, o sofrimento é banido pelo consumo. O sujeito quer ter o desejo de gratificação imediata. Com isso o sujeito tenta evitar que tenha sensações de sofrimento e desprazer, impondo a fuga.

O que existe no consumo que supre a falta? Seria uma supressão de fato ou superficial? O consumo na atualidade dita as novas relações sociais ou as relações sociais são superficialmente vividas por conta do consumo?

Objetivo

Com base nas teorias de Freud e Lacan, meu objetivo, nesta monografia, é analisar as relações interpessoais existentes no filme Wall Street para que possa responder as perguntas aqui formuladas.

Trata-se, portanto, de uma resenha crítica do filme em que procurarei sinalizar e discutir rumos da sociedade atual. Para tanto, o primeiro capítulo traz os conceitos de gozo, de falta e de consumo, fundamentalmente a partir dos trabalhos "O Mal-estar da Civilização", de Freud (1930), e "A teoria do Gozo", de Lacan (1953). Além disso, o capítulo trará um panorama da sociedade capitalista. O segundo capítulo traz a análise do filme a partir do referencial teórico apresentado. E, por fim, as considerações finais.

Capítulo 1.

Freud e Lacan são dois grandes nomes da psicanálise, cujos conceitos desenvolvidos são largamente utilizados em análises nas mais diversas áreas de atividades humanas.

Freud, no início de sua trajetória, a partir de suas investigações clínicas, discorreu sobre a condição humana. Para ele, a humanidade e sua cultura são uma patologia, e através desse pensamento, ele faz todo seu trabalho sem separar o patológico do indivíduo das patologias identificadas na sociedade.

Já Lacan foi o psicanalista que deu uma estrutura filosófica para a obra freudiana. Ele a separou da biologia, mas não a levou para o lado espiritualista. Ele interpretou praticamente todos os conceitos freudianos, trazendo para a psicanálise elementos da linguística, da lógica matemática e da topologia, segundo suas próprias interpretações.

Desta forma, utilizando-se dos conceitos de significante e significado de Saussure, Lacan mostrou que o inconsciente se um conceito, uma ideia referenciada à palavra, não ao objeto real. O “significante” corresponde à sua imagem acústica e não ao som pronunciado ao se emitir a palavra. Significante e significado são independentes um do outro, mas estão associados de uma maneira muito próxima, lembrando a famosa frase de Saussure que juntos são como uma folha de papel, que não se pode cortar um sem separar o outro. Esta asseveração que consta no Curso de Linguística Geral, no entanto, pode ser contrastada com as reflexões de Saussure a respeito da arbitrariedade do signo. Lembremos que esta questão já preocupava os gregos, cinco séculos antes de Cristo, como por exemplo, o famoso diálogo de Platão, chamado “Crátilo” baseia-se nesta questão de se os signos carregam algo de uma coisa e portanto não são arbitrários e sim naturais, ou o contrário, os signos

são artificiais e não tem um vínculo estreito com a coisa que enunciam. Nesse texto platônico, Sócrates é convocado para tentar elucidar a questão, mas muito embora sejam assinaladas as grandes diferenças, a questão fica longe de ser esclarecida definitivamente.

Já Lacan fala que o significante é autônomo possui uma primazia essencial em relação ao significado e tem uma importância fundamental que o significado não tem. Lacan utiliza a leitura de Freud, colocando o conceito de significante e significado no "funcionamento mental". O significado, aqui, passa a ser produto do deslizamento dos significantes. Para Nasio, o inconsciente é uma cadeia infinita, porém limitada. É infinita porque é ativa para produzir metáforas infinitamente e limitada porque faz movimentos alternados e repetitivos. O inconsciente obedece a uma lógica dos significantes.

O inconsciente não é uma linguagem, entretanto os seus mecanismos são como os mecanismos de uma linguagem que se expressam fundamentalmente no que conhecemos como as formações do Inconsciente (sonhos, esquecimentos, atos falhos, tropeços da língua, lapsus). O sujeito quando fala, se expressa, quer se fazer entender e, de repente, ele tropeça na sua fala, na palavra, trocando por outra sem perceber, ou usa uma expressão que tem mais de um significado, fazendo com que o outro sujeito tenha uma impressão diferente daquilo que ele quis transmitir, é aqui que entra o inconsciente. É em um lapso de língua que se manifestou talvez um anseio do sujeito, mas em sua racionalidade, ele não se reconhece naquilo que foi dito. Há dois momentos, antes e depois do ato falho. Primeiro, o falante expressava-se fluente, dono de si. "Depois da locução impensada, quando foi algo inimaginável, quem disse fica em pauta, ultrapassado pelo significante" Cesarotto (2004). Lembremos que Lacan dedica um Seminário completo, o número 5, às formações do Inconsciente. Uma das conclusões que se pode tirar é que o

inconsciente por meio da habilidade da linguagem domina o indivíduo, mostrando-lhe assim um desejo que não sabia.

1.1

O gozo

O termo gozo, segundo o dicionário de psicanálise de Elizabeth Roudinesco (1998), apareceu no século XV, “para designar a ação de fazer uso de um bem com a finalidade de retirar dele as satisfações que ele supostamente proporcionava” (pg 299). Esse termo faz a menção a “usufruto”, o sujeito desfruta daquele objeto de apropriação. Já em 1507, o termo gozo foi enriquecido por uma dimensão hedonista, “doutrina moral que considera ser o prazer a finalidade da vida”, sendo considerado sinônimo de prazer, alegria, bem-estar e sensualidade.

Freud desenvolveu o termo gozo em diferentes textos. Ele aparece uma única vez, no texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que ele relata que o homossexual tem aversão pelo sexo oposto, pois não é capaz de arrancar “nenhum gozo” (Roudinesco, 1998) da relação. É possível encontrar novamente esse termo, no capítulo 5 do ensaio *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*. Aqui, Freud examina a situação em que repetindo-se o chiste, ele pode não causar mais risos, porque não há mais surpresa. Por isso é possível pensar que, nesse caso, “recupera-se em parte a possibilidade de gozo que falta em consequência da ausência de novidade, extraíndo-o da impressão produzida pelo chiste no novo ouvinte” (Roudinesco, 1998). Assim, o termo gozo não é somente sinônimo de prazer, sendo mantido por uma identificação e falado com a noção de repetição, esta também seria agregada, algum tempo depois, em mais-além do princípio do prazer.

Para Freud, o gozo se articula com satisfação de uma pulsão. A satisfação de uma pulsão sempre é parcial, é uma necessidade que se realiza, já a pulsão é uma força constante imposta ao psiquismo por sua ligação com o corporal. Segundo o dicionário de psicanálise

Roudinesco, Freud diz que não há um percurso natural para a sexualidade humana. Não tem um modo apenas de atender o desejo, isso significa que o sujeito está sempre insatisfeito e que a pulsão nunca se satisfaz com um único e constante objeto. Isto para Freud é a pulsão sexual (*trieb*) e não o instinto (*instinkt*), que tem a ideia de um impulso, não importando a sua orientação e o seu objetivo. A pulsão não se satisfaz plenamente, pois sempre falha, sempre fica um resto, não chega ao seu objetivo e não dá acesso ao gozo. É uma aspiração de gozo que fracassa. A pulsão não tranquiliza, nem sacia; ela exterioriza, mostrando ao real como a satisfação plena é impossível.

Para Nasio (1993), o gozo é uma “energia”. Segundo o autor, é um impulso que vem das zonas erógenas com um objetivo. O gozo também é a energia do inconsciente. Lacan denomina o gozo em si como *objeto a* e é um fluxo constante de energia que por meio do corpo move o inconsciente. O *objeto a* é também algumas partes descartáveis do corpo. Essas partes do corpo não são apenas fragmentos materiais, mas também as fantasias, imagens e semblantes corporais. O corpo é gozo, energia psíquica; o corpo orgânico seria somente a caixa de ressonância. Quando o corpo é atravessado por uma fala que toca, então o corpo goza. Este gozo é da ordem da tensão que chega à dor.

O gozo e o prazer têm uma diferença essencial.

Para que se fale um pouco disso é preciso voltar aos conceitos de princípio de prazer e realidade de Freud.

Segundo este autor, o princípio da realidade tem como finalidade alcançar o prazer através do que é real, determinando que o sujeito aumente sua capacidade de admitir a frustração, de não satisfazer-se imediatamente por meio de atos impulsivos. Já o princípio do prazer enxerga e age na realidade de modo impulsivo,

como por exemplo, as paixões. Ele tem como objetivo proporcionar o prazer, evitando a todo custo a frustração e o desprazer.

O gozo procura sempre ultrapassar as barreiras dos limites do princípio do prazer. Esse movimento está ligado à procura da coisa perdida que falta no outro, provocando sofrimento. No entanto, o sofrimento jamais elimina totalmente a procura pelo gozo.

Para Nestor (2007), Lacan dizia que o gozo é um tipo de satisfação de uma pulsão específica, a pulsão de morte.

Lacan diz que o gozo se alimenta, porque o sujeito obedece a uma ordem que não importa a forma e o conteúdo que o dirige, deixando o que acontece com seu desejo, a se destruir na submissão ao Outro. O gozo não é o prazer, ambos são formas diferentes de expressão da energia psíquica. O gozo é inconsciente, já o prazer é consciente ou pré-consciente, prazer é sempre sentido através da energia do gozo. O prazer diminui a tensão psíquica. A experiência do prazer é uma sensação que quem vivencia é o eu. É completamente transitório. O prazer concerta e o gozo desconcerta. No gozo, a tensão psíquica se mantém ou aumenta, ele passa os limites. Ele é totalmente permanente, está plenamente amarrado com a vida, sendo assim enquanto tiver vida há gozo, porque ele é a repetição.

Lacan coloca o gozo em três estados: Gozo fálico, Mais-gozar e o Gozo do Outro.

Gozo fálico é o alívio incompleto da tensão do inconsciente, é o limite do falo. O Mais-gozar está retido no interior do sistema psíquico e o falo não deixa essa energia escapar. Como o próprio nome já diz, tem mais, **mais** energia que não é descarregada, e aumentada constantemente, isso faz com que a intensidade da tensão interna aumente. Esse gozo se concentra nas zonas erógenas e orificiais, boca, anus, vagina, canal peniano e outros. É nessas zonas que surge o impulso do desejo. Já o Gozo do Outro, é a consciência que o

sujeito tem de si, a partir do Outro, seria a situação ideal, para descarregar toda a energia. Ele compartilha o campo do real e imaginário.

1.2

A Falta e o Consumo

O sujeito cria uma teoria para compreender o seu mal-estar, pois ele sempre quer saber o porquê está sofrendo. Por isso Freud diz que o paciente tem uma teoria pessoal, com objetivo de tentar explicar o seu sofrimento.

Freud diz que é preciso abandonar a pulsão para que tenha civilização, por isso é que tem o "mal-estar", pois todos deixam o gozo. A cultura proibiu o incesto, porque não há como escolher o objeto incestuoso, isso provoca sentimento de culpa, fazendo com que o sujeito tenha dirigido o impulso agressivo contra si mesmo. A civilização não proíbe ou diminui o gozo, ela simplesmente cria outras formas de gozar.

Para Freud, o sujeito tem sempre o objetivo de alcançar a felicidade plena, porém isso nunca é alcançado. Essa felicidade oculta varias imagens, uma dessa imagem é um duvidoso prazer sexual absoluto que é experimentado no momento do incesto. Os seres humanos procuram pela felicidade modesta, se contentam com pouco. A felicidade é uma satisfação limitada, qualquer outra satisfação que passa esse limite é o gozo do Outro. A felicidade absoluta para os seres humanos é algo inatingível, pois eles não querem um gozo sem limite, isso não deve acontecer.

Um neurótico faz qualquer coisa para não gozar no absoluto, não realizando todos os seus desejos. O neurótico não quer o gozo absoluto, porque não deseja ter a experiência de um gozo máximo (gozo do Outro) ou também pode ser pelo sintoma (gozo fálico) e a fantasia (mais-gozar). O sintoma e a fantasia são soluções para o neurótico que se opõem ao gozo sem limite. É através da fantasia que o sujeito histérico goza, por isso Lacan chegou à conclusão de

que o desejo jamais é realizado completamente. Sendo assim o desejo é uma defesa contra o gozo.

O desejo surge das zonas erógenas do corpo, gerando um estado doloroso de tensão psíquica. Quanto maior for a tensão, mais o ímpeto do desejo é comprimido pelo recalçamento. Se o recalçamento for muito intransigente, a tensão aumenta. O recalçamento pressiona o impulso do desejo, formando duas vias opostas. Tem a via da descarga de energia e a outra é a que retém a energia. Uma parte da energia escapa do recalçamento que se manifesta através do inconsciente, então vem o alívio. E a outra parte permanece no interior do sistema psíquico, essa energia superexcita as zonas erógenas, aumentando o nível da tensão interna. Isso significa que as zonas erógenas são fonte do desejo.

Rosa e Colaboradores dizem que o sujeito tem uma fantasia imaginária que realiza o desejo em direção ao gozo. O sujeito é assim protegido da angústia, pois o investimento libidinal é permitido nos objetos que tem valor e significação.

A realidade do discurso capitalista não privilegia somente o sujeito, mas o indivíduo consumidor. O indivíduo consumidor não deixa espaço para o sofrimento, porque o sujeito do capitalismo é violentamente empurrado, sob a forma de consumo, lucro ou então, pelo sofrimento, para o gozo. O consumo leva o sujeito para uma falsa realidade, a alienação, ou seja, a fuga da verdadeira realidade. Isso gera o mal-estar, violências. No capitalismo o sujeito é escravo, pois propõe que tem de ir à busca do gozo, para isso é necessário consumir.

Lacan fala que o capitalismo, por um lado ajuda o sujeito, o coloca em uma posição de mestre, sendo assim, o sujeito é autônomo, faz o que quiser do seu destino. Pensando assim ele que tem controle do seu desejo, mas esse desejo é provocado por um

objeto, pelo qual o sujeito não tem o controle. Por isso o capitalismo tem dois lados, um é esse primeiro que parece que o sujeito é o dono do seu destino, do seu desejo e do outro lado está a verdade, que quem manda na verdade é o objeto, porque o sujeito é dependente do objeto.

O comando do objeto é uma forma de imposição ao sujeito com o objetivo de apreendê-lo, o que o sujeito quer, precisa obedecer, pois quer buscar o seu desejo. No entanto o que o sujeito alcança não é a causa de seu desejo, mas sim outra coisa pré-fabricada. Aqui entra o consumo, o consumo maníaco e a acumulação precária. Segundo Lacan (1969-70) "O gozo, uma vez que o temos, é preciso gastá-lo, desperdiçá-lo". Quando o sujeito chega ao objeto, tem uma nova forma de gozo, isto significa que ele deixa as outras formas anteriores. A modernidade, os avanços tecnológicos trazem, provocam um gozo renovado.

No discurso do Capitalista o foco principal é a falta e poder suprir com o objeto de consumo. A falta, aqui, é aumentada e repleta. Como o feticista, que precisa sempre de um novo fetiche na sua coleção para cada novo gozo, pois os velhos não conseguem mais esconder a castração, o consumidor busca sempre um objeto melhor, com o objetivo de ter um gozo pleno.

O sujeito não é apenas dependente do objeto, mas é dependente das condições ditadas pelo consumo, ele é objetificado transformado em mercadoria consumível.

1.3

Conceito de consumo

O termo consumo indica o ato econômico que admite concretizar uma satisfação que é motivada pela necessidade de adquirir um bem.

As relações que os seres humanos estabelecem entre si é de caráter econômico, político, cultural, criando assim jeitos de ser e de viver. A sociedade produz um conjunto de bens e serviços que, sem eles, dificilmente ocorre o bem estar. Faz parte desse conjunto de bens objetos de consumo, produtos, bens materiais ou simbólicos e serviços. Para isso o trabalho é fundamental para bem viver, pois é através dele que o sujeito consegue consumir.

Marx (1867) disse que o consumo sem objeto não é consumo, então é a produção que faz o consumo. Mas o objeto não é feito apenas para criar o consumo, ele também oferece sua determinabilidade, seu caráter, seu objetivo. O objeto é produzido sem nenhuma necessidade, porém o consumo reproduz a necessidade, no entanto é necessário que se conheça a necessidade antes da produção, para que haja oferta/produção de produtos que satisfaçam uma necessidade através do seu consumo. O ciclo é: necessidade -> produção -> consumo.

Ultimamente pode-se entender o consumo como algo que está presente na vida, aqui é possível observar a fabricação da cultura, ou pensando assim, os espaços sociais podem ser moldados, pelo próprio consumo. A sociedade do consumo pode ser vista de dois modos, primeiro, como uma reprodução do tempo pós-moderno, causado pela crítica social vinculada à discussão de moralização e o dano da coletividade. Ou então pode ser olhada a partir da expressão social, que diz que os sujeitos se relacionam e assim dão um sentido ao ato de consumir.

No livro *Sociedade de Consumo* (2004), BARBOSA fala que o consumo pode ser analisado de vários ângulos. Como por exemplo, Jean Baudrillard diz que o ato de consumir ocupa uma função fundamental na vida do sujeito. A mesma autora, mostra também um outro lado, que é um estudo das obras dos pensadores como Don Slater, Daniel Miller que relatam que a sociedade de consumo pode adotar também um caráter sociológico, ou seja, debater a relação do sujeito com o consumo nas práticas e relações sociais.

Hoje o consumo é entendido como algo que supre as necessidades, ganhando uma importância central, fazendo com que a crítica do Jean Baudrillard sobre a predominância da individualidade sobre coletividade se configure na sociedade.

Consumir pode ser considerado um ato particular, porque tem uma série de questões que somente o sujeito pode fazer, como decidir, definir, são ações subjetivas, isso não quer dizer que é algo negativo, pois nesses casos o indivíduo tem que pensar e exercitar práticas de escolha.

Pensando no termo sociedade de consumo é interessante discutir a questão sobre o ato de consumir vendo que a sociedade busca posses de ordem material. Sendo assim, a palavra "ter" é essencial, o que vale mais é o ter e não as qualidades pessoais, então o objetivo é ser sempre o melhor, por ter sempre mais, isso excita a competição e é claro o egocentrismo, pois o sujeito busca e deseja o que é melhor para si, não olhando para o coletivo.

O consumo é entendido como algo que supre as necessidades, é interessante refletir agora sobre o que pode ser considerado "necessidade" atualmente. Hoje é possível perceber que houve uma troca de papéis, porque agora são os bens que induzem às necessidades. Segundo Zygmunt Bauman, é a necessidade perdendo espaço para o desejo e o capricho na sociedade contemporânea.

O desejo e o capricho viram fontes de prazer, querem, procuram a sensação de completude essencial no ser humano e isso na sociedade de consumo é estimulada para que sujeito adquira bens materiais.

Os meios de produção que ficam cada dia mais massificados, com a evolução da tecnologia. E são incontáveis, pois há inúmeras possibilidades de oferta e, fazendo com que o desejo e o capricho tornem-se fenômenos que não acabam, tendo sempre novos desejos e caprichos; isso é um ciclo. Parece que quanto mais os modos de produção e da tecnologia avançam, mais o sujeito fica dependente disso para sobreviver. Isso mostra um contrassenso, isto é, quanto mais a sociedade de consumo evolui, mais ela fica dependente de componentes que garantam seu conforto, por isso ele vai sempre buscar novos componentes.

Bauman (2008) diz que atualmente as relações sociais acontecem por causa do consumo. O consumo não é somente os produtos, mas também os hábitos, valores e aparências. Os sujeitos seguem padrões (de beleza, consumo, ideológico...) que o mercado impõe, então o indivíduo se transforma em objeto de consumo, inconscientemente. Nesta sociedade do consumo, o indivíduo só se torna sujeito depois que for mercadoria. Ou ele vai ser pela posse de objetos de consumo cobiçáveis, ou pela sua própria transformação em padrões socialmente *mais* aceitos e destacáveis.

O corpo e a cultura imediatista são outros aspectos que estão tendo uma valorização excessiva, não deixando o sujeito ficar obsoleto e, assim, ficar fora da sociedade de consumidores, isso porque o indivíduo acredita que assim vai se livrar de todo o mal-estar e insatisfação. Consumir traz um sentimento de bem-estar, mas também pode provocar um vazio, impressões que o sujeito tem de não ter controle de si mesmo. O consumo em excesso pode causar

problemas para o indivíduo, gerando impactos, por vezes, desastrosos para sua vida.

Capítulo 2

Análise do filme

O filme começa com Gordon Gekko saindo da prisão, após cumprir pena pelos seus crimes contra o sistema financeiro. Enquanto os outros presos que ganharam a liberdade no mesmo dia têm pessoas à sua espera, Gekko não tem ninguém o esperando. Atualmente as relações humanas são baseadas no caráter econômico, político, cultural, criando assim jeitos de ser e de viver. Gekko não tinha ninguém à sua espera, porque ele sempre teve como foco o dinheiro. Aqui é possível perceber que Gekko buscava o gozo no dinheiro, nos bens e objetos de consumo, produtos, bens materiais ou simbólicos e serviços.

Isso também é nítido quando, em uma de suas palestras, que passa a ministrar para sobreviver pós prisão, Gekko conhece Jake Moore, um jovem executivo, namorado de sua filha, Winnie. Após a palestra, conversam sobre ela, pois Gekko e Winnie tem sérios problemas de relacionamento, devido aos crimes cometidos e ao seu estilo de vida no passado, buscando sempre o dinheiro, o poder e deixando a filha em segundo plano. Para ele, família é como mercado, um relacionamento social baseado em interesses econômicos. Jake faz a mesma coisa, porque quer a reconciliação de sua noiva com o seu pai, mas o seu interesse está em que Gekko confie nele, para ajudá-lo com dicas que ele possa aplicar em suas ideias.

Ideias positivas e que visam ao bem da humanidade, como financiar pesquisas sobre energia verde, uma energia limpa preocupada com a saúde do planeta. No entanto, Jake está agindo por interesse: a reconciliação visava obter um consultor financeiro,

colocando a relação familiar como “moeda de troca” para os seus objetivos.

Nesse caso, é possível perceber que Jake age como o sujeito escravo do capitalismo, aquele que tem de ter, visando poder e lucros em toda e qualquer relação. Lucro nem sempre material, mas também como vantagem nas relações. Isso pode ser observado na cena em que Jake vai a uma joalheria. O vendedor, imbuído de seu poder de discriminar os clientes vips (mais valia) dos comuns (menos valia), mostrou a ele apenas um anel de platina. Jake percebeu a desclassificação, sentiu-se desvalorizado e pediu para ir à *sala do dinheiro*. Pedido negado, pois o vendedor argumentou que lá era a sala para os clientes especiais. Nota-se que o foco da cena recai sobre a disputa de poder e prestígio que ocorre entre vendedor e cliente. Winnie, foco do presente, não está no horizonte comum dos dois homens, pouco importando o que seria de seu agrado. Para Jake, o agrado era ser considerado um cliente especial que, no capitalismo, são os sujeitos que tem dinheiro. Essa cena mostra claramente que, na sociedade de consumo, o fundamental é o ter e não as qualidades pessoais (aqui entendidas como as de Jake e também de Winnie). Então, o objetivo é ser sempre o melhor, por ter sempre mais. Isso estimula a competição e o egocentrismo, porque o sujeito quer e deseja o que é melhor para si, não olhando para o coletivo.

De outro lado, temos a figura de Lou, que gostava de ganhar dinheiro, mas agindo dentro das regras básicas do mercado. Foi levado à ruína o que provocou seu suicídio. Jogou-se nos trilhos do metrô, sem saber que essa derrocada fora forjada por Bretton James, outro jovem executivo do mercado financeiro, que levava às últimas consequências sua fome de poder.

Ainda vivo, quando descobriu que a vida não era só lucro e interesses econômicos, Lou falou para Jake gastar seu dinheiro, casar-se, ter filhos, aproveitar a convivência com família e amigos, não desistindo dos sonhos, mesmo que eles não se concretizassem. Aqui Lou percebe, como Lacan diz, que apesar de o sujeito parecer dono do seu destino, do seu desejo, ele é, na verdade, o objeto do consumo, sendo assim o sujeito é dependente do objeto. O personagem acreditou que poderia solucionar o seu mal-estar com o dinheiro, com o trabalho, mas quando viu que esse não era o caminho, decidiu se suicidar. Sentiu-se impotente diante da evidência de que nunca havia sido senhor de sua vida, mas sim objeto do consumo. Sua conta bancária era recheada, mas o que ele fazia com isso? Apenas a recheava mais, com seu trabalho incessante. Uma vida baseada no acúmulo de bens materiais, sem espaço para outras possibilidades de relações. O suicídio marca sua impotência em sair desse círculo vicioso. No entanto, restou-lhe uma fagulha de potência, quando aconselhou Jake a olhar para outro lado da vida, lado esse que descobriu quando sentiu-se fraco demais para mudar.

Fraco demais porque o capitalismo empurra seus sujeitos desde muito cedo para a ciranda do consumo, como se isso fosse parte natural da vida da humanidade. Isso pode ser observado na cena em que Jake vai com a noiva e a sua mãe, corretora de imóveis, olhar uma casa para eles. Na casa escolhida há um cômodo que é um quarto extra de brinquedo. É a clara demonstração de que o sujeito tem de ter necessidade de consumir já na infância. Uma vez que a criança é um ser socialmente ativo, ela pode dispor das opções do seu interesse específico e a sociedade estimula o desejo da criança em querer aquele determinado objeto. A publicidade hoje tem estratégias de comunicação especificamente para aliciar a atenção do público infantil: apresenta-lhe novas possibilidades no mundo para,

na verdade, apresentar-lhe o consumo. A criança desde muito tempo também é consumidora.

O filme debate o que já é imposto como “verdade” no fantasioso do sujeito: o capital financeiro funciona como mola-mestra das relações sociais. Mas em seu final, o autor mostra que sucesso material nem sempre é o valor dominante e os relacionamentos não são, a todo momento, mercadorias. Isso fica claro quando, no filme, Winnie aparece grávida. Uma nova vida vai chegar, o que significa a possibilidade de um recomeço. Jake sabe que, nesse momento, pode fazer diferente daquilo que está acostumado, mas não consegue, até que Gekko chega e fala que eles merecem dar uma segunda chance para o ser humano, sempre tão heterogêneo. E que ele quer ser um novo pai para Winnie e um avô para o neto.

Considerações finais

Afinal, temos uma nova sociedade ou a velha fuga do sofrimento?

O consumo faz parte da sociedade contemporânea e se apresenta de maneira tal que nem sempre é possível notar quando acontece. Conforme a economia gira em volta da acumulação do capital e o trabalho é focado para a produção de mercadorias, a sociedade vai buscar valores que a induzam ao consumo de produtos, e isso vira um ciclo de reprodução do capital.

Todos os personagens de **Wall Street 2** estão envolvidos em uma trama, na qual o personagem principal é o capital, mola-mestra das relações sociais. O filme mostra a estrutura do sistema capitalista que domina tudo, inclusive as relações humanas, pois elas são baseadas na produção das mercadorias e apenas se comunicam por causa desses produtos. Não há laço social no consumo. O sujeito, no capitalismo, torna-se material humano produtor da sociedade e é estimulado a produzir sempre mais. Isso mostra que o indivíduo, nessa sociedade, é escravo dele próprio.

Escravo porque produz e consome sem limites. Com a globalização, nem tempo de espera há mais, pois todos os objetos consumíveis estão ao seu alcance muito facilmente. Não há mais fronteiras nacionais para a circulação das mercadorias. Se, por um lado, isso é bom, inclusive para as populações em desenvolvimento, pois há uma tendência à prosperidade, por outro, o ser humano parece não ter evoluído em sua essência. Segundo Freud (1930), o sujeito procura a felicidade através de paliativos como o consumo de bens materiais. O indivíduo não deve tentar encontrar a felicidade por meios periféricos, mas sim, como o autor fala, por meio do auto-conhecimento que seria o primeiro passo para os diversos caminhos

da felicidade. Sendo assim toda essa evolução para o consumo ficar mais fácil não auxilia na evolução da essência ser humano, mas sim o deixa em segundo plano, pois a sociedade contemporânea não permite que o indivíduo se enxergue.

Segundo Freud (1930), não é possível desviar-se da impressão que o sujeito tem com os falsos padrões de avaliação (poder, sucesso e riqueza) que ele aprecia no outro, não dando o devido valor a tudo o que realmente tem valor na vida. Para ele, o sujeito não pode ser feliz na civilização moderna, mesmo com todo progresso técnico e científico. Freud diz que a civilização não busca a felicidade e sim a sua abdicação. O indivíduo quer sempre a realização da satisfação do prazer, porém essa satisfação é impraticável de ser alcançada, pois o mundo é desprovido e insuficiente de recursos. Então tudo que traz prazer, demanda trabalhos penosos e sofrimentos. E o indivíduo não é muito adepto do trabalho, ele só o faz através da repressão social.

Com a finalidade de acessar o gozo, a sociedade busca meios de lidar com a perda estrutural de satisfação. No sistema capitalista, os objetos da cultura são erguidos, são explorados na tentativa de chegar ao gozo que é representado pelo objeto *a*. Sendo assim o capitalismo usa isso para haja o consumo.

A mídia, que é uma aliada do sistema capitalista, cria novos ideais à beleza, à riqueza e à sensualidade, que certamente vão aliciar o sujeito ao consumo, e esse acredita que assim vai chegar a completude. O sistema capitalista conhece o discurso científico, se junta a ele e atrai o consumidor com objetos mascarados de gozo. É possível perceber que o capitalismo vende para o indivíduo uma ilusão falsa para o sujeito. Segundo Lacan (1969-1970/1992), o que apoia a sociedade de consumo é o sujeito acreditar que as suas necessidades vão ser saciadas por qualquer produto maquinado pela indústria.

O sistema capitalista tenta "camuflar" a falta do sujeito através do consumo, pois com o afastamento da falta do objeto, o indivíduo "esquece" da responsabilidade, ficando dependente do consumo inesgotável. Mas na verdade, a falta se mantém, à medida que empurra para frente o momento em que o ser humano possa deparar-se com ela para aí sim ter uma mudança na vida.

Deste modo, não há nova sociedade, mas sim novos artifícios que levam o sujeito a seguir na fuga do velho sofrimento.

Referências Bibliográficas e bibliografia consultada

BRAUSTEIN, N. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.

BUSTANI, A. L. Sobre a significação do falo.

[/www.convergenciafreudlacan.org/.../II_SOBRE_A-_SIGNIFICACA...](http://www.convergenciafreudlacan.org/.../II_SOBRE_A-_SIGNIFICACA...)

CARIGNATO, T. T.; BERTA, S. L.; ROSA, M. D. Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais das violências contemporâneas, in *Agora*. Rio de Janeiro, IX(1): 35-48, 2006.

CONRADO, R. Consumo e gozo: uma compreensão de ideologia entre T.W. Adorno e J. Lacan.

http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1678-51772008000200006&script=sci_abstract

FREUD, S. **O Mal-estar da Civilização**, São Paulo: Cia das Letras, 1997

LEITE Teixeira, Vanessa. A Cultura Do Consumo: Uma Leitura Psicanalítica Lacaniana.

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a16.pdf>

MARX, Karl. **O Capital**. Rio De janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NASIO, J.-D. **Cinco Lições Sobre A Teoria De Jacques Lacan**. Rio De Janeiro: Zahar, 1993

PETER de Souza Leite, Márcio. Mal-estar no capitalismo: declínio da função paterna

http://www.marciopeter.com.br/links2/ensaios/ensaios_malestar.htm

I Rosa, Márcia. Jacques Lacan e a Clínica do consumo.

<http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a10v22n1.pdf>

ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio De Janeiro:

ZAHAR, 1998